



Recebido em: 29/09/2018 /

Aceito em: 15/10/2018

**A REESCRITA DA HISTÓRIA EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*
E *BECOS DA MEMÓRIA***

*THE REWRITING OF THE HISTORY IN O ALEGRE CANTO DA PERDIZ
AND BECOS DA MEMÓRIA*

*LA REESCRITURA DE LA HISTORIA EN O ALEGRE CANTO DA PERDIZ Y BECOS DA
MEMÓRIA*

Pauline Champagnat¹

RESUMO:

Este artigo pretende investigar possíveis reescritas da história oficial a partir do ponto de vista dos afro-brasileiros em *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo e dos moçambicanos em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane. Até então, a história tinha sido contada a partir do ponto de vista hegemônico das elites das sociedades brasileiras e moçambicanas. Pretendemos fazer uma ligação entre a reescrita da história e o resgate de imagens míticas pré-coloniais moçambicanas em *O Alegre Canto da Perdiz*. Numa perspectiva de análise comparada, desenvolveremos o nosso raciocínio a partir de dois eixos temáticos: a representação da escola em *Becos da memória* e o retorno às memórias subterrâneas míticas em *O Alegre Canto da Perdiz*. Para sustentar nosso raciocínio, nos apoiaremos nas teorias de Hall (2007; 2013), Mucchieli (1986), Derive (2005), Pollak (1993) e Eliade (1963). A análise nos permitirá chegar à conclusão de que o significado de reescritas da história vai muito além da aplicação da lei impondo o ensino da história da África, e terá consequências em todos os segmentos das sociedades brasileiras e moçambicanas.

PALAVRAS-CHAVE: reescrita, história, Becos da memória, mitos de origem, *O Alegre Canto da Perdiz*.

¹ Professora Adjunta no Departamento de Português da Universidade de Rennes 2. Doutoranda em Literatura (português) na Universidade de Rennes 2 (ERIMIT), sob a orientação de Rita-Olivieri Godet (IUF-ERIMIT-Rennes 2) e Pires Laranjeira (FLUC). pauline.champagnat@hotmail.fr



ABSTRACT

*This paper's purpose is to investigate the suggestion of possible rewritings of the official history from an afro-Brazilian point of view in *Becos da memória* (2017) and from a Mozambican perspective in *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). Until now, the history had been told from the hegemonic Brazilian and Mozambican elite's points of view. Therefore, we intend to develop our analysis from two thematical main lines: the representation of school in *Becos da memória* and the return to subterranean mythical memories in *O Alegre Canto da Perdiz*. To sustain our argument, we will use the theoretical support of Hall (2007, 2013), Mucchieli (1986), Derive (2005), Pollak (1993) and Eliade (1963). The analysis will allow us to conclude that the signification of the suggestion of possible rewritings of the history goes way much further than the mere implementation of the law and will have consequences in every segment of Brazilian and Mozambican societies.*

KEYWORDS: *rewriting, history, Becos da memória, origin myths, O Alegre Canto da Perdiz.*

RESUMEN

*Este artículo pretende examinar la insinuación de posibles reescrituras de la historia oficial desde el punto de vista de los afro-brasileños en *Becos da Memória* (2017) y desde el punto de vista de los mozambiqueños en *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). Hasta ahora, la historia se había contado desde el punto de vista hegemónico de las elites brasileñas y mozambiqueñas. Pretendemos hacer una conexión entre la reescritura de la historia y el rescate de imágenes míticas precoloniales mozambiqueñas en *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). En una perspectiva de análisis comparativa, desarrollaremos nuestro análisis a partir de dos líneas principales: la representación de la escuela en *Becos da memória* y el retorno a las memorias subterráneas míticas en *O Alegre Canto da Perdiz*. Para sostener nuestro razonamiento, usaremos el soporte teórico de Hall (2007, 2013), Mucchieli (1986), Derive (2005), Pollak (1993) y Eliade (1963). Este análisis nos permitirá concluir que la significación de la insinuación de posibles reescrituras de la historia va mucho más allá que la mera aplicación de la ley que impone la enseñanza de la historia de África, y tendrá consecuencias en cada segmento de las sociedades brasileñas y mozambiqueñas.*

PALABRAS-CLAVE: *reescritura, historia, Becos da memória, mitos de origen, O Alegre Canto da Perdiz.*



Stuart Hall (2007) se refere à identidade cultural como algo que pertence simultaneamente ao futuro e ao passado. Segundo ele, as identidades nunca estão fixadas eternamente num passado essencializado. Estão sujeitas aos constantes movimentos da história, da cultura e do poder. Não foram fundadas em uma simples redescoberta do passado que estaria esperando para ser feita e que asseguraria, posteriormente, a identidade cultural de um povo (HALL, 2007, p. 230).

Em *Becos da Memória* (2017), existem muitas referências ao passado escravagista. No entanto, a autora não se limita à passiva contemplação dessas imagens que pertencem à memória coletiva afro-brasileira, sua evocação tem um sentido peculiar. Permite, num primeiro momento, denunciar as desigualdades sociais sofridas pelos afro-brasileiros no tempo da escravidão, mas também na época contemporânea. Em um segundo momento, os episódios da história que aconteceram durante a escravidão implicam muitas vezes a rebelião, a vontade de erguer-se contra um sistema injusto e opressor.

A boa recepção desta obra corresponde ao momento vivido há duas décadas no Brasil: o da revalorização do patrimônio cultural africano. Isto vai também no sentido de duas novas leis brasileiras fundamentais para o avanço da questão identitária: a lei 12.711/2012, que criou as cotas, e a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história, da cultura, das literaturas e artes africanas e afro-brasileiras, no ensino fundamental e médio, no território brasileiro. Essas duas leis implicam uma mudança profunda dos mecanismos sociais de exclusão, mesmo que seja necessário muito tempo para obter resultados significativos. Para Hall, se a redescoberta da sua verdadeira história por um povo colonizado deve evitar a hipervalorização e a projeção mítica irrealista, isto serve mesmo assim a conferir um forte sentimento de orgulho da sua identidade cultural ao grupo inferiorizado (HALL, 2013, p. 47).

O uso de imagens míticas pré-coloniais em *O Alegre Canto da Perdiz* dialoga com o necessário resgate dos mitos de origem para a reconstrução identitária nacional moçambicana. Trata-se da revalorização de uma identidade minorizada durante séculos de dominação. A emergência dessa identidade, abafada pelo processo de assimilação cultural cara ao projeto colonial português, traz a ideia do resgate das memórias subterrâneas, segundo o conceito de Pollak (1989, p.10).

A representação da escola em *Becos da Memória*

A obra *Becos da Memória* é marcada pelo surgimento de uma voz narrativa representando um eu-coletivo. Assim, essa voz fala em nome de uma experiência de vida coletiva representada pela vida em comunidade na favela. A relação intergeracional representa uma dinâmica capaz de fazer uma ligação entre diversos períodos históricos vividos pelos brasileiros, com o objetivo de buscar meios de melhorar as condições de vida dos membros dessa comunidade



marginalizada.

É interessante notar o lugar especial dado à escola no romance. De fato, veremos que a escola é o espaço onde todas as desigualdades sociais e raciais se revelam; logo, ela poderia representar o lugar da opressão por excelência. No entanto, mesmo que a protagonista admita se sentir deslocada na sua escola, é ao mesmo tempo o lugar visto como um dos caminhos possíveis para reverter a hierarquia social.

Maria-Nova não reconhece as histórias contadas de uma geração para a outra em sua família nos relatos sobre a escravidão evocados na sala de aula. Para ela, essas histórias contrastam bastante com sua realidade. Ela demonstra uma consciência do fato que a história apresentada na sala de aula seja única e não leve em conta as vozes dos grupos marginalizados nos seus relatos:

A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas: havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria-Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. (EVARISTO, 2017, p. 149-150)

A emergência da voz de um eu-coletivo no romance poderia vir dessa inquietação, essa contradição vista nos relatos da história oficial que não condizem com os dos seus. A cultura letrada e a escola são representadas como meios que pertencem a uma elite da qual ela é excluída. No entanto, esses meios permitem-lhe retomar sua própria história e dar uma voz aos membros da sua comunidade. As vozes presentes trazidas pela voz autoral são plurais e contradizem, definitivamente, um projeto de identidade nacional homogênea, simbolizado pela utopia de um Brasil mestiço justo para todos.

O Romantismo brasileiro tratou índios e negros de modo idealizado, representando-os de formas desvinculadas da realidade. Nessas circunstâncias, podemos entender até que ponto a procura por modelos identitários valorizantes pode ser problemática para a comunidade excluída. A exclusão desses grupos por vários séculos, não só do projeto literário, mas também do projeto nacional, faz com que essas mesmas vozes abafadas surjam para contradizer os modelos hegemônicos que as fizeram calar.

Em *Becos da Memória*, as ligações entre o passado e o presente são constantes. Assim, a história de uns reflete as condições de vida da geração atual. A personagem Maria-Nova sente



frequentemente uma dor que ela identifica como coletiva. Apesar de não entender exatamente de onde vem essa dor, ela sabe que pertence às gerações passadas, como o banzo, termo que exprime a nostalgia mortal sofrida por alguns escravos negros ao chegar no Brasil: “Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera”. (EVARISTO, 2017, p. 63)”. Ela mostra plena consciência de que essa dor não lhe pertence individualmente, mas sim a um coletivo do qual ela faz parte: “Sabia, porém, que aquela dor não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio”.(EVARISTO, 2017, p. 76).

Os trechos de passagens ocorridas nas escolas são importantes para a compreensão da representação das hierarquias sociais no romance. Maria-Nova é uma das raras crianças da favela a frequentar a escola, apesar de ter dois anos de atraso. A mudança de favela por vir a obrigará mais uma vez a perder o ano letivo. Apesar disso, para essa personagem, a escola simboliza um dos únicos meios de ascensão social. A escola aparece como um lugar à parte, com unidades geográficas e temporais que quase entram em oposição com a favela. Como o diz Maria-Nova, só há duas alunas negras na sala de aula, o que mostra como o acesso à educação se tornou difícil para essa minoria.

A escola representa exatamente o lugar de pensamento hegemônico que é a sociedade brasileira para os afro-brasileiros: isto é, um sistema do qual foram sistematicamente excluídos desde o início da construção da nação. É um lugar no qual Maria-Nova não se sente à vontade, ao qual ela tem consciência de não pertencer. Apesar disso, sua insistência em não abandonar a escola se faz presente pois sabe que, para se defender contra essa mesma sociedade hegemônica que exclui sua comunidade, é necessário deter as suas chaves. Não é por acaso que cada trecho do romance que acontece na escola faz referência à história do Brasil.

A história apresentada na escola, particularmente àquela relativa ao período escravagista brasileiro, não condiz com os relatos transmitidos de uma geração para a outra na sua comunidade. O importante é a ligação feita por Maria-Nova entre a condição dos escravos e a dos afro-brasileiros atualmente, nem que seja pelas habitações que existem na favela. A falta de evocação, na sala de aula, de heróis afro-brasileiros que marcaram a história faz parte de uma estratégia de desvalorização da comunidade afro-brasileira. Essa estratégia serve para desmoralizar essa comunidade e para justificar a permanência das exclusões socio-culturais das quais foram e continuam sendo vítimas, como sublinhou Mucchieli (1986) ao falar sobre a desmoralização de um grupo minorizado:

Para um grupo ou uma cultura, o sentimento de amor próprio se enraiza nos seus sucessos e nos seus fracassos passados e presentes. A desmoralização de um grupo começa pela desvalorização da imagem que tem de si pela subversão dos seus valores que são relativizados ou ainda pela ruína do amor próprio que colocava nas suas ações ou nos seus homens-chaves, heróis que represen-



tam justamente esses valores. (MUCCHIELI, 1986, p. 73 – tradução nossa)²

A história apresentada na aula de história representa o ponto de vista dessa elite, e não a da sua comunidade marginalizada. A escola aparece como o lugar por excelência onde existiria a possibilidade de inversão dessa situação, no entanto, a tomada de palavra parece difícil e implica que essa personagem saia do lugar que lhe é reservado pela sociedade:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017, pp. 72-73)

Esse mal-estar demonstra bem o sentimento de não estar no seu lugar na escola e é reforçado pelo fato de que Maria-Nova é uma das únicas alunas negras da turma. A outra aluna negra parece alheia, como se a história evocada não tivesse nenhuma relação com ela. É difícil saber se esse alheamento é devido ao fato de que, assim como Maria-Nova, ela não consegue se identificar com as histórias contadas sobre sua comunidade na sua turma, ou se trata-se de uma dificuldade em se identificar com a comunidade afro-brasileira, já que essa comunidade é constantemente apresentada por um viés negativo em sala de aula. Essa questão de identidade negativa se faz sempre presente nos trechos do romance que acontecem em sala de aula.

De fato, o negro brasileiro é constantemente representado como objeto e não sujeito da sua história. Assim, as relações África-Brasil só são apresentadas em termos de comércio triangular, de colonização e escravidão. Nada é evocado sobre as heranças culturais africanas na cultura brasileira, a África pré-colonial ou a história recente da África lusófona. A maioria das outras culturas estrangeiras evocadas em sala de aula serão apresentadas de maneira diferente. O destaque será dado à sua língua, sua cultura, sua culinária, sua história, sua importância no cenário mundial, ou seja, aspectos positivos que correspondem a uma identidade valorizante.

A apresentação de uma história africana como única e exclusivamente ligada à escravidão e ao comércio triangular impede qualquer identificação positiva a ela. É omitida a diversidade das culturas, das tradições, dos costumes e das etnias que essa África implica, a qual, para me-

² Tradução nossa: “Pour un groupe ou une culture, le sentiment d’estime de soi prend racine dans ses succès et ses échecs passés et présents. La démoralisation d’un groupe commence par la dévalorisation de l’image qu’il a de lui par la subversion de ses valeurs qui sont relativisées ou encore par la ruine de l’estime qu’il mettait en ses actions ou en ses hommes clés, héros qui représentent justement ses valeurs.” (MUCCHIELI, 1986, p. 73)



lhor corresponder à realidade, deveria ser conjugada no plural.

No romance, a leitura é apresentada como o meio indispensável à compreensão do mundo e à ascensão social para a jovem geração. Maria-Nova tem consciência de ser privilegiada apesar dos dois anos de atraso na escola, pois sabe que poucos alunos da favela conseguem concluir o primário, muito menos entrar no colégio. Essa vontade de continuar a estudar, apesar das dificuldades que isso implica, vem do incentivo do Negro Alírio e dos outros habitantes, mas também de uma vontade de reescrever uma história evocada em sala de aula, à qual não consegue se identificar. A inquietude provocada pela desvalorização da sua identidade afro-brasileira provoca um desejo de reescrita da história dessa comunidade a partir do seu próprio ponto de vista:

Pensou nas crianças da favela: poucas, pouquíssimas, podia-se contar nos dedos as que chegavam à quarta série primária. E entre todos, só ela estava ali numa segunda série ginásial, mesmo assim fora da faixa etária, era mais velha dois anos que seus colegas. E ainda estava em via de parar de estudar, a partir do momento em que tivesse que mudar de favela. Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História. Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2017, pp. 150-151)

O desejo de escrita corresponde a um desejo de expressão, de fazer ouvir as vozes silenciadas da História. No decorrer do romance, Maria-Nova parece fazer a ligação entre o passado e o presente, recolhendo as histórias dos mais antigos. Ela vai além do seu papel de guardiã da memória e empreende a escrita das memórias do seu povo, pensando em dar algum dia uma voz àqueles que não pareciam ter um lugar na narrativa da História oficial :

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos, Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.(EVARISTO, 2017, p. 177).

A decisão de apropriar-se da voz da história oficial para contar as histórias geralmente marginalizadas da sua comunidade testemunha de um desejo de empoderamento a partir da escrita e da tomada de palavra. Veremos em seguida como a reescrita da história moçambicana a partir dos seus mitos de origem pré-coloniais pode contribuir para a construção de uma identidade nacional valorizante.



Memórias subterrâneas míticas em *O Alegre Canto da Perdiz*

A reescrita da história é possível graças à recuperação de memórias coletivas que nunca podem ser consideradas como “intactas”. Essas memórias coletivas vêm de comunidades memorizadas que sobreviveram à tentativa de apagamento das suas lembranças em favor de uma história única, oficial e hegemônica. Assim, a sua conservação testemunha de uma vontade de resistência e da não aceitação da memória coletiva considerada como a mais legítima. São memórias transmitidas no âmbito familiar, em associações ou em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. (POLLAK, 1993, p.27)

No entanto, Pollak nos lembra que essas memórias coletivas e a nova ordem social que elas contribuem a constituir são baseadas num equilíbrio precário, feito de numerosas contradições e tensões (POLLAK, 1993, p.38). Nesse contexto, o papel da literatura é primordial, no que diz respeito à emergência das memórias coletivas apagadas pelo tempo e não admitidas pela História oficial. As lacunas da história podem ser preenchidas por possibilidades infinitas que a criação literária permite.

Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, os mitos servem ora para suportar o presente, ora para entender a sucessão de fatos que levaram à situação na qual as personagens se encontram no momento da narrativa. A recuperação e a evocação desses mitos é o meio pelo qual as personagens encontram o material indispensável para uma discussão sobre identidade nacional e reconstrução cultural. Os mitos de origem presentes em *O Alegre Canto da Perdiz* são apresentados como a versão moçambicana sobre a origem da humanidade.

A narração do mito acontece fora da cronologia histórica, seus relatos etiológicos se situam numa dimensão atemporal, mesmo que esses mitos tenham, ao mesmo tempo, a finalidade de explicar uma prática social (DERIVE, 2005, p. 3). Podemos notar que o discurso mítico faz alusão a uma compensação no passado de uma opressão vivida no presente.

Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), existem várias referências aos montes Namuli como sendo o berço de civilização moçambicana, quiçá de toda a humanidade. A narrativa, situada na época contemporânea, é intercalada por mitos de origem carregados de funções narrativas diversas. Aqui, o discurso mítico poderia servir de base à construção da identidade nacional, pois evocaria o Moçambique pré-colonial. Algumas personagens, como Maria das Dores e José dos Montes, em alguns trechos, evocam a imagem de um Deus caído de seu Olimpo local, e tendo que sobreviver diante das adversidades da civilização criada a partir das míticas origens dos Montes Namuli.

Logo nas primeiras páginas do romance, um grupo de mulheres se questiona sobre suas origens. Para isso, elas recorrem à sabedoria da mulher do régulo, que as lembrará de que a nudez da mulher achada no rio não é mau presságio, seria, na verdade de uma mulher vinda



de um antigo reino, e que traria boas notícias, como a possibilidade de melhoria da condição feminina. Inicialmente confundida com uma prostituta, Maria das Dores refletiria a imagem da pureza original dos tempos da criação. Na verdade, sua presença atiza o ódio das mulheres da aldeia, pois julgam-na a partir de parâmetros de uma religião e de uma cultura que a narradora sugere como emprestada :

O grupo de mulheres furiosas precipita-se sobre ela como aves de rapina ávidas de sangue. Um grupo numeroso. Era o instinto de defesa comandando a marcha. Inquietação. Dentro das mentes assustadas, os mitos surgem como a única verdade, para explicar o inexplicável. Imaginavam as plantas a secar e a chuva a cair e a arrasar todas as sementeiras. O gado a minguar. Os galos a esterilizar, as galinhas a não chocar nem ovos nem pintos. Aquela presença era o prenúncio do desaparecimento da espécie dos galináceos. Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero. (CHIZIANE, 2008, p.12)

Assim, essa imagem da mulher nua lembra a nudez bíblica de Adão e Eva na criação do mundo. Aqui, volta-se à ideia de um “paraíso perdido” na terra. A palavra da mulher do régulo parece ser tomada da tradição milenar moçambicana, sugerida aqui como a tradição legítima do povo. Desempenha um papel didático, assimilado ao de contadora de histórias, que é de instruir as mulheres que parecem desconectadas da sua cultura. Assim, ela lembra-as de onde vêm. É também ela que, no início do romance, ajuda as mulheres da aldeia a se reconectar com suas raízes, contando-lhes mitos de origem, nos quais as mulheres desempenhavam papéis valorizantes. Mais adiante, a narradora parece assumir o teor didático encontrado nos mitos de origem, sem a voz da mulher do régulo. Em ambos os casos, trata-se da expressão de uma vontade de volta às raízes, ao passado mítico, para entender melhor a realidade experienciada no presente:

Somos de diferentes gestas. Diferentes ventres. Diferentes lugares. Uns nascendo nos canaviais, outros na estrada. Uns no alto mar. Outros em camas douradas dos príncipes. Uns fugiram de casas de luto cobertas de fogo. Fogo posto. Por demónios. Demónios que incendeiam as águas dos rios. Outros nasceram da solidão dos guerreiros, solidão de heróis. Heróis vencedores e vencidos. Somos heróis do Atlântico, heróis da travessia dos mares bravos, para a escravatura na Guiné, Angola e São Tomé. Temos o sangue dos franceses, brasileiros, indianos de Goa, Damão e Diu, desterrados nos palmares da Zambézia. Viemos da nobreza e da pobreza. Viemos em passos silenciosos dos fugitivos, em passos agressivos dos conquistadores. Nascemos diferentes vezes com diferentes formas. Morremos várias vezes, silenciosamente, como os montes na corrosão dos ventos. (...) Lembrem-se sempre de que a nudez é expressão de pureza, imagem da antiga aurora. Fomos todos esculpido com o barro do Namuli. Barro negro com sangue vermelho. (CHIZIANE, 2008, p.24-25)

Este trecho relaciona a história de Moçambique com as relações culturais, o que confere a ideia de uma identidade em constante evolução. Aqui, todos os elementos que contribuíram



para a formação da nação moçambicana são evocados. Trata-se de contatos e mestiçagens que formaram a nação, sem nunca omitir a dor, os conflitos e as tensões: “Viemos da nobreza e da pobreza. Viemos em passos silenciosos dos fugitivos, em passos agressivos dos conquistadores”. Temos aqui um retrato do Moçambique em toda sua verdade, sua dor, cujos habitantes “esculpidos com o barro de Namuli”, têm a capacidade de resistir e de se reinventar, apesar do “sangue vermelho” derramado por vários séculos. A história pertence tanto aos “heróis vencedores” quanto aos “heróis vencidos”. Não parou no tempo, está em transformação contínua. Sua verdade é múltipla, assim como as misturas que contribuíram para sua formação.

Todos esses relatos servem para ajudar o leitor a entender a construção da nação moçambicana, levando em conta dessa vez os mitos de origem locais, e não os relatos bíblicos trazidos pela colonização. Nesse romance, trabalha-se diretamente a discrepância entre memória histórica e memória ficcional. Existe a vontade de uma reescrita da história oficial a partir de pontos de vista renovados. Paulina Chiziane busca questionar, em suas obras, as imagens míticas de representação homogênea e não conflituosa da nação (como muitas vezes foi representado depois da independência do país, em 1975), evidenciando como Moçambique é uma nação plural.

Aqui, uma necessidade vital de reconectar-se à terra moçambicana faz-se sentir. Isso é muito evidente na personagem José dos Montes, cujo estatuto de assimilado transformou-o numa pessoa alienada, totalmente alheia à sua cultura original. O termo “bandeira estrangeira” evoca uma falta de legitimidade enquanto moçambicano para combater “do outro lado da trincheira”. No entanto, essa alienação o levará ao mutismo e, posteriormente, à loucura, na qual se refugiará. Depois de ter desistido do exército, achará uma redenção no retorno aos Montes Namuli, berço da civilização moçambicana, assim como uma necessidade de ouvir novamente as vozes dos anciões, silenciadas durante seu período de assimilado:

Vozes de espíritos distantes sacodem-lhe a mente. Ouve tambores mágicos e canções dos mortos. Crescem-lhe línguas de fogo no peito. Ergue os olhos ao céu procurando Deus e vê outros milagres. Os côcos no alto são caveiras dos mortos rindo-se da sua desgraça. Entra em pânico e implora. Vento, leva-me ao alto dos Montes Namuli, miradouro do mundo. Quero voltar à idade fetal. (CHIZIANE, 2008, p.189)

A volta aos montes Namuli, mais do que um retorno às origens, significa também um renascimento, como o sugere a expressão “idade fetal”. Os Montes Namuli representam várias vezes no romance a ideia do renascimento. O nome “José dos Montes” evoca uma identificação aos Montes Namuli como sendo sua terra de origem. Será igualmente o caso da sua filha Maria das Dores, que recomeçará sua vida, longe dos abusos e da violência que marcaram sua antiga vida. De fato, esses montes aparecem como um ponto de partida para uma narrativa escrita por essas duas personagens, que são elementos-chave da construção da nação moçambicana, e aos quais a autora frequentemente vai recorrer na ótica de uma reescrita da história. Depois



de ter iniciado o processo de assimilação, José dos Montes viverá numa alienação que o impedirá qualquer tipo de discernimento. A perda dos seus valores chegará ao ponto culminante no momento do assassinato simbólico de Moyo, representante da sabedoria milenar dos Montes Namuli.

Moyo garante a transmissão dessa sabedoria milenar de uma geração para a outra, o que é particularmente importante no contexto de uma sociedade colonial, na qual procura-se apagar aos poucos a cultura local pelo processo de assimilação cultural e de imposição da cultura metropolitana hegemônica. Seu papel para impedir o processo de assimilação cultural é fundamental. Nele, José dos Montes projeta uma imagem bíblica, na qual seria o Deus moçambicano:

José dos Montes apareceu numa breve visita para ver daquela boca o fluir da sapiência milenar dos patriarcas e projectar sobre ele a imagem do pai que nunca teve. Se o meu pai estivesse vivo, seria assim tão bondoso como o Moyo, suspirava em silêncio. Moyo é uma pedra basilar de muitas vidas. (CHIZIANE, 2008, p.72)

Durante esse assassinato simbólico, José dos Montes representa a administração colonial, enquanto Moyo representa a cultura ancestral. No entanto, arrepende-se do crime que cometeu. A descoberta da infidelidade de Delfina o levará a questionar sua assimilação. No romance, encontra-se frequentemente a imagem da cultura minorizada, aquela que se teria tentado abafar e que ressurge das cinzas e volta a ser praticada pela população. Assim como Moyo, que na verdade não morreu e reaparece sob diversas formas, o que reforça sua aura mística. A impossibilidade de matar Moyo, símbolo da sabedoria milenar dos Montes Namuli poderia ser considerada como a alegoria da impossibilidade de destruir a cultura ancestral moçambicana. A reconstrução identitária de José dos Montes se realizará por um retorno às origens : os Montes Namuli. Essa volta à terra original se fará graças a diversas sensações sinestésicas:

A memória de José dos Montes percorre ondas sonoras de canções guerreiras. Quando os pés pisam o solo ao ritmo do tambor, a poeira se levanta e traz ao olfacto o perfume da terra. José sente necessidade de se descalçar, de pisar o chão e sentir as vibrações da terra a fortificar os ossos. De abraçar o chão, rebolar como uma criança, até cobrir a pele inteira com areia e poeira. Nascer na Zambézia é uma bênção. Viver na Zambézia é uma sorte. Morrer na Zambézia é a maior dádiva do mundo. José sente que devia ter lutado pela sua terra e não contra ela. Felizmente houve homens valentes, videntes, que de tanto a amarem deram o sangue por ela e a trouxeram de volta. Para se ter a liberdade é preciso, primeiro, sonhar com ela. E quando se alcança deve ser preservada de todas as tormentas. (CHIZIANE, 2008, p.333)

Esse recurso à memória mítica traduz uma vontade de apagamento das hierarquias sociais e raciais que definem a sociedade moçambicana no presente. Por isso, para fugir de um presente opressor, a personagem refugia-se numa memória mítica idealizada. Essa valorização das per-



sonagens míticas representadas como fundadoras da nação moçambicana permite compensar a situação de inferiorização vivida no momento da narrativa.

Há um aspecto didático no mito, graças à evocação dos atos dos deuses e outros heróis míticos, como o explica Mircea Eliade, e que obrigaria o homem a transcender os limites. Existe a ideia de uma possível recuperação de um “passado glorioso”, que, no caso de *O Alegre Canto da Perdiz*, adquirirá um sentido peculiar:

Graças ao mito, o mundo deixa-se ser entendido como Cosmo perfeitamente articulado, inteligível e significativo. No ato de contar como as coisas foram feitas, os mitos revelam por quem e por que foram feitas, em que circunstâncias. Todas essas “revelações” implicam de maneira mais ou menos direta o homem, pois constituem uma “história sagrada”. Em suma, os mitos lembram permanentemente que feitos grandiosos ocorreram na terra, e que esse “passado glorioso” é em parte recuperável. A imitação dos gestos paradigmáticos possui igualmente um aspeto positivo: o rito esforça o homem a transcender seus limites, o obriga a se situar perante os Deuses e heróis míticos, para poder cumprir os seus atos. (ELIADE, 1963, p.80-81)³

A recuperação dos mitos moçambicanos da criação nos Montes Namuli é efetuada por duas personagens cujas vidas foram marcadas por traumatismos diretamente ligados à sociedade colonial e à hierarquia racial nela presente. Depois de ter sofrido pela menorização da sua identidade e de sua cultura, encontrarão uma forma de redenção na imagem da volta aos Montes Namuli. Trata-se de uma necessária revalorização da cultura menorizada, ressaltando sua importância na formação da nação moçambicana. Essas imagens que pertencem a uma época pré-colonial retratam a ideia de um Moçambique ideal, e às vezes podem aparentar-se a imagens essencializadas de um passado mítico. No entanto, quer sejam imagens essencializadas ou não, elas são necessárias para iniciar o processo de revalorização e de reconstrução da identidade cultural introjetada durante séculos de colonização.

Considerações finais

Em *Becos da Memória* (2017), a representação das desigualdades sociais brasileiras, associando constantemente o passado escravagista brasileiro e a atual situação dos afro-brasileiros, faz com que, no quadro da implementação da lei 10.639/2003, a leitura do romance possa

3 Tradução nossa : “Grâce au mythe, le monde se laisse saisir en tant que Cosmos parfaitement articulé, intelligible et significatif. En racontant comment les choses ont été faites, les mythes dévoilent par qui et pourquoi elles l’ont été, et en quelles circonstances. Toutes ces “révélations” engagent plus ou moins directement l’homme, car elles constituent une “histoire sacrée”. En somme, les mythes rappellent continuellement que des événements grandioses ont eu lieu sur la Terre, et que ce “passé glorieux” est en partie récupérable. L’imitation des gestes paradigmatiques a également un aspect positif : le rite force l’homme de transcender ses limites, l’oblige à se situer auprès des Dieux et des héros mythiques, afin de pouvoir accomplir leurs actes”. (ELIADE, 1972, p.80-81)



trazer questões muito pertinentes sobre a representatividade e a necessária reescrita da história a partir do ponto de vista de uma comunidade historicamente minorizada e marginalizada pela sociedade brasileira.

Além disso, nós temos aqui a representação de uma identidade afro-brasileira positiva, bem diferente do que era experienciado em sala de aula até agora. A noção da comunidade afro-brasileira como fazendo parte de um coletivo tem um significado de inversão das hierarquias sociais e raciais que vai muito além do ensino e pretende repercutir-se em vários aspectos e segmentos da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, podemos sugerir um diálogo entre *Becos da Memória* e *O Alegre Canto da Perdiz*, na medida em que se trata de uma discussão acerca da necessária reescrita da história pelas minorias que foram sistematicamente excluídas dos grandes relatos nacionais. A tomada de palavra sugere uma reapropriação da história por esses próprios grupos, aquela da cultura afro-brasileira ou da cultura ancestral pré-colonial moçambicana, que só poderia ser realizada através da reescrita dessas histórias a partir de uma ótica pós-colonial.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Porto: Caminho, 2008.

DERIVE, Jean. **L’Afrique: mythes et littératures**. D. Chauvin; A. Siganos; P. Walter. Questions de mythocritique, Imago, pp.11-20, 2005. <halshs-00344048>

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade (1963)**. Trad. Pola Civelli. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe**. Folio, 1988.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HALL, Stuart. **Identités et cultures**. Paris, Editions Amsterdam, 2007.

_____. **Identités et cultures 2. Politique des différences**. Paris: Editions Amsterdam, 2013.

MUCCHIELI, Alex. **L’identité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.



POLLAK, Michael. **Une identité blessée**. Paris: Editions Métailié, 1993.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV). v. 2, n.3, 1989. p.3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso: 08/09/2018.

